

O PLANO DAS SUBJETIVIDADES E INTERAÇÕES SOCIAIS E SEXUAIS EM JOÃO GILBERTO NOLL: CARTOGRAFIAS DO CORPO E DO DESEJO EM RUÍNAS

THE PLANES OF SUBJECTIVITIES AND SOCIAL AND SEXUAL INTERACTIONS BY JOÃO GILBERTO NOLL:
CARTOGRAPHIES OF THE BODY AND DESIRE IN RUINS

[...] mesmo esse sol que nos abrilhanta queima com a incandescência do inferno. (João Gilberto Noll – *A Fúria do Corpo*).

RESUMO

O romance *A Fúria do Corpo*, de João Gilberto Noll, propõe uma exploração radical da subjetividade contemporânea por meio de um narrador-personagem errante, sem nome ou história fixa, cuja identidade se dissolve em meio a deslocamentos urbanos, encontros fortuitos e experiências sexuais intensas e desprovidas de afeto. A narrativa investiga o plano das subjetividades líquidas, fragmentadas e instáveis, características do sujeito pós-moderno, conforme teorizado por Stuart Hall (2006). O corpo do protagonista torna-se espaço de inscrição de traumas e desejos, revelando uma sexualidade desviante, marginal e performativa, em consonância com os estudos de gênero de Judith Butler (1990). Ao desconstruir binarismos sexuais e afetivos, Noll propõe uma crítica à normatividade e aos modelos fixos de identidade. O erotismo, longe de ser libertador, aparece como expressão da solidão e da exclusão. A obra, portanto, articula as esferas do pessoal e do político ao evidenciar a precariedade da experiência humana em um contexto de desagregação social e afetiva. A prosa visceral e fluida de Noll constrói uma literatura de resistência, que afirma o direito de existir nas margens e nas fraturas do mundo.

Palavras-chave: João Gilberto Noll. Subjetividades. Interação. Social. Sexual.

ABSTRACT

The novel *The Fury of the Body*, by João Gilberto Noll, proposes a radical exploration of contemporary subjectivity through a wandering narrator character, without a name or fixed history, whose identity dissolves in the midst of urban displacements, fortuitous encounters and intense sexual experiences devoid of affection. The narrative investigates the plane of liquid, fragmented and unstable subjectivities, characteristics of the postmodern subject, as theorized by Stuart Hall (2006). The protagonist's body becomes a space for the inscription of traumas and desires, revealing a deviant, marginal and performative sexuality, in line with Judith Butler's (1990) gender

Rodrigo Felipe Veloso

Pós-doutor em Letras: Estudos Literários (História, Memória e Literatura Judaica) na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Professor no Departamento de Comunicação e Letras, da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br. Orcid.org/0000-0001-7840-584X.

studies. By deconstructing sexual and affective binarisms, Noll proposes a critique of normativity and fixed models of identity. Eroticism, far from being liberating, appears as an expression of loneliness and exclusion. The work, therefore, articulates the spheres of the personal and the political by evidencing the precariousness of the human experience in a context of social and affective disintegration. Noll's visceral and fluid prose builds a literature of resistance, which asserts the right to exist on the margins and fractures of the world.

Keywords: João Gilberto Noll. Subjectivities. Interaction. Social. Sexual.

Introdução

Publicado em 1981, *A Fúria do Corpo*, segundo romance de João Gilberto Noll, inaugura uma das vertentes mais inquietantes da literatura brasileira contemporânea: a fragmentação do sujeito, a errância existencial e a sexualidade como território de instabilidade e reinvenção. No plano das subjetividades individuais, a narrativa conduz o leitor por uma experiência de dissolução identitária, encarnada em um narrador-protagonista sem nome, cuja trajetória é marcada pela deriva, pela desorientação e pelo esvaziamento do eu.

Nesse contexto, o romance em questão surge com a intenção de romper as regras comportamentais da sociedade cada vez mais obediente na política e na estética. No texto fica evidente o desmanchar dos corpos pelas ruas de Copacabana, no Rio de Janeiro e, além disso, o corpo em fúria simboliza a constituição de uma identidade completa sem pretextos, carente somente em seu aspecto exterior, extrínseco: “o meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. [...] Sexo, o meu sexo sim: o meu sexo está livre de qualquer ofensa [...]. Mas se quiser um nome pode me chamar de Arbusto, Carne Tatuada, Vento” (Noll, 2008, p. 9).

Noll não nos oferece um sujeito estável, coerente ou linear. Pelo contrário, a subjetividade em *A Fúria do Corpo* é fluida, inconstante, marcada por uma poética da errância. Esse sujeito fragmentado parece ecoar o que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) chamam de “corpo sem órgãos”, ou seja, um corpo que rejeita as formas fixas, as identidades estáveis, e se constitui como campo de intensidades. Há no texto uma recusa do pertencimento familiar, profissional, afetivo, e uma entrega ao presente bruto e pulsional. O protagonista não busca se definir: ele se desfaz a cada novo encontro, a cada nova paisagem urbana, a cada nova relação.

No plano das interações sociais e sexuais, o romance tensiona o desejo como força motriz e desorganizadora. A sexualidade é apresentada de maneira crua, ora como afirmação de vitalidade, ora como forma de alienação: “de pé nos enlaçamos no mais demorado abraço, sou rei na companhia dela e nela o reinado resplandece, nos sentamos, nos deitamos no chão duro, foder se dissolveu no chão mais duro [...]” (Noll, 2008, p. 11). As relações são fugidias, impessoais, marcadas por uma espécie de automatismo emocional.

Os encontros sexuais não promovem conexão, mas, muitas vezes, acentuam o desamparo e o estranhamento do sujeito diante do outro. Com efeito, o erotismo, longe de ser idealizado, é um terreno onde se revelam as ruínas da subjetividade moderna: “sei que essa mulher me trairá e eu a ela antes que o galo desperte, e cante, sei que essa mulher não perdoará nenhuma fraqueza em mim, sei que o nosso amor se plasmará com uma dor que nosso organismo ainda não conheceu [...]” (Noll, 2008, p. 11).

Noll desestabiliza qualquer norma sexual ou afetiva tradicional. Há experiências homoeróticas, relações heterossexuais efêmeras, travessias pelo submundo urbano e encontros que beiram a alucinação. A carne, o corpo, o desejo e o desprazer são temas centrais que se desdobram num mundo de marginalidade, onde a linguagem poética do autor exprime uma espécie de lirismo desesperado e tenso: “Recorro às ruínas de um espelho que encontro pelo chão, ainda não sou o ancião que presumo mereço, ainda não galguei por inteiro minha submissão ao Tempo, ainda não dobrei o suficiente meus joelhos em adoração ao mistério vivo” (Noll, 2008, p. 11-12).

Do ponto de vista das relações sociais, *A Fúria do Corpo* retrata um Brasil urbano marginal, marcado pela exclusão e pela falência dos grandes projetos de identidade nacional. A linguagem de Noll mistura o realismo sujo com lampejos de lirismo e surrealismo, revelando uma realidade social onde os vínculos são tênues e a violência simbólica se faz presente mesmo nas mais íntimas interações. O protagonista parece vagar por uma cidade sem nome, imerso num cenário de decadência moral e social, e suas relações com figuras secundárias, mulheres, travestis, velhos, soldados, que são sempre breves, muitas vezes brutais, e nunca redentoras.

Nesse sentido, a narrativa em questão articula uma crítica radical à ideia de sujeito moderno unificado. Noll encena uma subjetividade dilacerada pela urgência dos corpos e pelo vazio das relações sociais. O romance pode ser lido como uma resposta estética à crise das narrativas totalizantes e uma poderosa metáfora do mal-estar do homem contemporâneo diante da própria condição humana: “portanto não me condenem por não dar meu nome. Nem o dela. Meu nome não. Nem o dela. [...] um nome que não dará meu rastro ao inimigo [...]” (Noll, 2008, p. 14).

Subjetividade fragmentada e o sujeito marginal e pós-moderno

O romance *A Fúria do Corpo* (1981), de João Gilberto Noll, apresenta uma narrativa marcada por uma escrita do deslocamento, do excesso e da fragmentação. O protagonista que inicialmente se mostra sendo João Evangelista, entretanto, cuja identidade ainda permanece indefinida e em constante mutação, encarna uma subjetividade errante e fluida, que espelha as contradições e os descompassos do sujeito contemporâneo. Neste contexto, a obra opera como um laboratório textual da precariedade identitária, tensionando as fronteiras entre o eu e o outro, o privado e o público, o corpo e a linguagem. A ausência de pertencimento territorial e simbólico do narrador revela uma crise radical do sujeito moderno e uma recusa às categorias

estáveis de identidade, como pátria, classe social, sexualidade e até mesmo o nome próprio.

Esse questionamento existencial tem no elemento simbólico do “mar” sendo um lugar que reúne as antinomias, o espaço de transição e da travessia, que ressurge na vida do narrador-personagem-protagonista como uma experiência em constante mutação e transformação, espécie de ritual em que não se consegue vislumbrar o que surgirá mais adiante e intenta, sobretudo, viver o instante-já, “e este instante assim avulso, sou eu?” (Noll, 2008, p. 176).

[...] a carreira da vida é uma constante assombro quando nos vemos assim de repente frente ao Mar a sós com ele e nos perguntamos: sou eu este que olha o Mar em meio à jornada? [...] sou a deriva ou me construo? sou eu o meu passado ou ele passa de uma ferida para sempre coagulada? sou eu o meu presente? [...] a quem pertença se não aos elementos? recordar é viver? ou tudo não passa de um mesmo aí? sou um elo da força ou uma ameba incrustada num vão do Universo? faço parte? tenho futuro? Alguém me chama? Alguém me reclama? alguém me resgata? alguém me ilude com a voz aliciadora? Alguém me mata me consome? alguém me toca? me ilumina? me desgata? [...] sou eu próprio esse alguém? (Noll, 2008, p. 176-177).

O símbolo do mar apresenta-se como espelho da condição existencial do narrador-protagonista. O mar, nessa passagem, assume uma densidade filosófica e significativa que remete tanto à tradição da literatura moderna quanto ao embate íntimo da subjetividade com o indizível da existência. Diante do mar, o sujeito se vê atravessado por uma série de indagações sobre o eu, a memória, o tempo, a identidade e a pertença, isto é, questões centrais à estética de Noll e à herança da literatura fragmentária.

Nessa perspectiva, desde a Antiguidade, o mar é símbolo ambíguo: ao mesmo tempo origem e abismo, vida e morte, fluxo e vertigem. Em Noll, o mar se apresenta como metáfora da jornada existencial, mas também como um espaço de descentramento, onde o sujeito se confronta com sua própria insignificância diante do infinito. A pergunta “sou eu este que olha o Mar em meio à jornada?” revela não apenas uma suspensão ontológica, mas também uma desconfiança do próprio reconhecimento: a visão do mar parece desestabilizar as certezas do eu. O mar, aqui, funciona como um limiar entre o mundo e o sujeito, despertando uma crise de identidade que é simultaneamente poética e ontológica, reiterando, sobretudo a condição “mar/marginal” do protagonista.

As perguntas que se sucedem: “sou a deriva ou me construo?”, “sou eu o meu passado?”, “tenho futuro?”, compõem uma narrativa em forma de monólogo interior, próximo ao fluxo de consciência modernista, em que o pensamento não se organiza de forma linear, mas em blocos descontínuos de perplexidade. Essa fragmentação reflete a perda de centro e a experiência do sujeito pós-iluminista, marcado por

uma consciência dilacerada e por um sentimento de não pertencimento ao mundo, o localizando tendo uma identidade marginal, deslocada, em processo de formação.

A indagação “sou um elo da força ou uma ameba incrustada num vão do Universo?” é particularmente reveladora: nela, o narrador oscila entre a possibilidade de integração cósmica (elo de uma força maior) e a total insignificância (ameba num vão). Essa oscilação é própria de uma literatura de cunho existencial, onde a liberdade e o absurdo coexistem. A existência se impõe como uma realidade absurda, desprovida de sentido prévio, cabendo ao sujeito, solitário, lançar perguntas às quais não se pode responder senão com o silêncio do mundo (ou do mar).

Outro ponto importante é a multiplicidade de vozes e a dúvida sobre o pertencimento: “a quem pertenço se não aos elementos?”, “sou eu próprio esse alguém?”. Tais indagações ecoam a teoria da identidade como performance, conforme delineada por Butler (1990), em que o eu não é substância, mas efeito de práticas discursivas. O sujeito nolliano, ao se perguntar sobre quem é, já admite a instabilidade do eu, ele não é essência, mas experiência. O mar, nesse contexto, representa o campo simbólico onde o eu é desfeito e talvez reinscrito, como um corpo em constante deriva.

Ao final, o mar torna-se o espaço do indizível e do abissal, onde todas as perguntas reverberam sem resposta. A presença do mar não oferece acolhimento nem redenção, mas expõe o sujeito à sua própria vulnerabilidade e à incerteza radical da existência. É nesse ponto que o romance de Noll se conecta à tradição literária da escrita do desamparo e da crise da representação, na qual a linguagem poética tenta dar forma ao que escapa, ao que se desfaz.

No capítulo intitulado “Afrodite”, o protagonista demonstra o amor que nutre pela mulher Afrodite ao revelar que: “eu e ela tínhamos laços fortes. Amávamos como que nascidos da mesma infância imemorial: uma pedra caindo do fundo do mesmo poço, a pedra caía para um abismo nunca visto [...]” (Noll, 2008, p. 23). Desses encontros e relações entre o casal, a instância corporal é o convite que se desenhava cotidianamente no paradoxo do perder e se encontrar: “e a cada encontro nos lembrava que o único roteiro é o corpo. O corpo” (Noll, 2008, p. 24).

A ausência de expectativas na vida do protagonista suscita uma trajetória apagada, desiludida, haja vista que é o corpo que fala, coloca para fora o que de mais íntimo e secreto ele guarda, seus excrementos e líquidos odores exalados em meio ao sexo e depois do ato mágico e epifânico, novamente, o ritual de vida social se instaura e quando o casal se separa, “no escuro agora mais escuro o silêncio se propaga. Há uma membrana entre você e eu, agora. Ainda” (Noll, 2008, p. 31).

A conduta de Afrodite sugere lucidez e estabilidade, diferente do protagonista marginal, vivendo em exílio tanto social quanto psicológico: “Afrodite implora que eu pare de sonhar em pesadelos. Puxa-me pelo braço, quase me quebra a omoplata, escarra no meu peito, diz xingamentos que vão até minha origem [...]” (Noll, 2008, p. 31). No plano das interações sociais e sexuais, Noll constrói um universo marginal, povoado por personagens periféricos, cujas relações são marcadas por violência, desconfiança e erotismo desviante.

A sexualidade assume caráter performativo e disfuncional, muitas vezes atravessada por práticas de dominação e de exclusão. Ao esgarçar os limites entre desejo, repulsa e anonimato, o autor evidencia uma crítica aguda à normatividade sexual e às formas hegemônicas de sociabilidade. Em diálogo com autores como Judith Butler (1990), Stuart Hall (2006), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), é possível interpretar *A Fúria do Corpo* como uma cartografia do corpo e do desejo em ruínas, em que a escrita fragmentada mimetiza o colapso das estruturas sociais e afetivas.

Nesse sentido, o romance configura-se como uma potente metáfora da condição pós-moderna, em que a identidade é performada, provisória e muitas vezes indesejada. Ao dar voz a um sujeito à deriva, João Gilberto Noll denuncia o esvaziamento dos vínculos sociais e afetivos numa sociedade em que a sobrevivência substitui o pertencimento. O corpo, centro de tensão e pulsão, torna-se o último território possível de afirmação — ainda que precária — da existência. A literatura de Noll, assim, não apenas narra a marginalidade: ela a encarna em sua forma, estilo e ética.

O protagonista da narrativa em apreço encarna aquilo que Stuart Hall define como sujeito pós-moderno: “não um sujeito fixo, essencial ou unificado, mas um sujeito descentrado, múltiplo, em constante deslocamento e articulação” (Hall, 2006, p. 13). Essa desestabilização da identidade é constitutiva da narrativa de Noll, onde o narrador-protagonista não tem nome, origem, destino ou vínculos permanentes. Trata-se de uma subjetividade que se desmancha no ar, como antecipado por Marshall Berman ao pensar a modernidade: “tudo o que é sólido desmancha no ar” (Berman, 1986, p. 15).

A prosa de Noll dialoga com a tradição da escrita de si, mas nega a confissão como revelação do eu interior. Em vez disso, apresenta um sujeito movido pelo fluxo do presente, pela contingência e pelo desejo, ou seja, um “eu” que não se revela, mas se desfaz a cada página. Como observa Linda Hutcheon (1991), o pós-modernismo se caracteriza por uma “ética da fragmentação” e da “auto-ironia”, e o romance de Noll encarna essas premissas na forma e no conteúdo.

Sexualidade, corpo e dissidência: a liturgia profana da palavra

A posição do pai do protagonista descrita por ele consagra a situação de que o pecado mora em todo lugar: “meu pai comia pouco, tão pouco que às vezes olhava para a melância e via ali o mel vermelho do pecado, sim, meu pai achava que tudo era manifestação das mensagens, na cor duma fruta podia estar a ira do divino” (Noll, 2008, p. 38). A partir de então, o pai “[...] foi sumindo sumindo pra vida eterna [...], fiquei na margem acenando pruma coisa que já não era meu pai, [...] ali na margem tive a certeza que a vida era dor e que não havia salvação nas trevas do sentido” (Noll, 2008, p. 38).

O rito de margem se define sendo um rito intermediário entre o rito de separação de algo, ou alguém (“corte” de um elemento importante para o indivíduo) e maturar

essa “perda” necessita de uma parada, suspensão no espaço-tempo, a fim de se refletir a atual situação e, por conseguinte, prosseguir caminho, passagem para outro rito, que é o de agregação, quer dizer, que visa estabelecer uma nova condição e realidade de vida que se instaura devido perda substancial.

Fica claro o comportamento do protagonista com relação ao “corpo sexualizado”, visto que é o instrumento pelo qual se revela o desejo, a vontade latente, a manifestação do eu implícito que explicitamente assegura a conjunção por meio da carne. Esse comportamento institui um caráter marginal do protagonista, uma vez que o coloca no “entre-lugar” do discurso amoroso-sexual reiterando uma visão reflexiva diante do experimentado, bem como anseia por mudança e reconhece que chegar ao “centro”, ao “núcleo das coisas” é sempre mais difícil.

As relações vividas com diferentes pessoas, independente de gênero, raça, condição social concebe ao protagonista um deslocamento transitório pelos lugares aos quais se encontra na tentativa de se permanecer e se fazer morada, no entanto, essa árdua tarefa para quem vive na margem, no exílio, denota que a integração não acontece e migrar para determinados locais faz parte da busca incessante do eu; perdido, sem identidade, onde o único roteiro e encontro é o próprio corpo.

O erotismo no romance em questão é central, porém desprovido de idealização. Em vez de promover prazer ou libertação, a sexualidade torna-se palco de solidão, desencontro e automatismo. O protagonista reflete essa percepção associada a sua amante: “mas o fogo era ilusório porque a Afrodite tinha encarnado no mundo e eu agora estava só, [...] e aquela língua da Afrodite que se consumira no fogo com meu pau não passara de uma ocorrência alucinatória insurgida [...]” (Noll, 2008, p. 99).

Esse erotismo marginalizado aproxima-se do conceito de desejo como força rizomática, proposto por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1995): o desejo não visa a completude, mas a multiplicação de conexões. O protagonista não ama, não se entrega: apenas experimenta. O corpo é o território onde se inscrevem a linguagem do trauma e do desejo, como um “campo de intensidades”. Então, o protagonista enuncia: “Reina nos céus o miserável deus dos homens. Aqui na Terra eu volto para o apartamento pelo mesmo elevador em que acabei de comer uma bicha [...]. A porta do apartamento aberta, entro, e vejo Afrodite nua, estirada no chão, dormindo” (Noll, 2008, p. 93). E, conclui dizendo: “quanta solidão, o coração argumenta” (Noll, 2008, p. 93).

Essa abordagem é também crítica à normatividade sexual, pois desestabiliza as fronteiras fixas entre homo e heterossexualidade, masculino e feminino, público e privado. Em *A Fúria do Corpo*, Noll não apenas representa um corpo em trânsito físico, mas em permanente deslocamento simbólico. O protagonista, que atravessa espaços urbanos e experiências sexuais sem fixar identidade ou orientação, encarna uma dissidência radical frente aos modelos hegemônicos de subjetivação.

Ao recusar a linearidade da narrativa tradicional e o enraizamento psicológico do sujeito, Noll antecipa uma estética queer que se articula com os pressupostos da teoria performativa de Judith Butler (1990), segundo a qual as identidades sexuais não são essencialmente naturais ou estáveis, mas formadas por atos repetidos, sociais e culturais, sujeitos à reiteração e, portanto, à subversão.

O corpo errante do protagonista é, nesse sentido, um corpo queer: simultaneamente vulnerável e resistente, um espaço de inscrição política e poética da diferença. Ele não representa apenas o “desvio” sexual, mas revela a precariedade como potência estética, desafiando binarismos normativos e expondo a artificialidade das categorias de gênero e desejo. Ao não se enquadrar em nenhuma identidade fixa e ao operar no limiar entre eros e abjeção, o personagem de Noll tensiona os limites da representação do corpo na literatura brasileira, colocando em cena um erotismo perturbador e libertador, que faz do corpo um território de experimentação existencial.

Em sintonia com Leo Bersani (1987), que questiona a lógica repressiva da sexualidade como identidade fixa e sugere o potencial desorganizador da sexualidade como energia anárquica, o corpo de Noll flerta com a abjeção como lugar de força e liberdade. O erotismo, aqui, não é conciliador, mas pulsional e radicalmente desviante. Essa pulsão erótica, muitas vezes próxima da destruição, insere-se na tradição que Eve Kosofsky Sedgwick (1990) denominou de “especialização queer”, em que os afetos e os desejos se deslocam em territórios marginais e sem pertencimento, desafiando as normas de legibilidade social do desejo.

Além disso, a obra de Noll dialoga com a concepção de Paul Preciado (2018), para quem o corpo contemporâneo é tecnicamente e politicamente produzido, um corpo-pharmaco-pornográfico, constantemente manipulado por dispositivos de controle e prazer. Ao colocar em cena corpos que não se conformam às normas, que vivem à deriva dos regimes de visibilidade e respeitabilidade, Noll aponta para uma corporeidade que resiste às capturas identitárias e institucionais, assumindo-se como campo de experimentação estética, afetiva e ética. Assim, o corpo do protagonista não apenas narra, mas é o próprio texto em que se inscreve a experiência fragmentária, intensa e descentrada do existir.

Literatura marginal e crítica da ordem social

O romance *A Fúria do Corpo* (1981), de João Gilberto Noll, constitui-se como uma das expressões mais contundentes da literatura marginal brasileira da segunda metade do século XX. Inserido em um contexto de redemocratização do país após o regime militar, o livro evidencia uma poética do desconcerto social e subjetivo. O protagonista – anônimo, errante e em perpétuo deslocamento – personifica a instabilidade de uma identidade despossuída e a precariedade da existência urbana. Trata-se de um sujeito que se movimenta à margem da ordem social hegemônica, cujas ações e desejos confrontam diretamente os discursos da norma, da família, da sexualidade normativa e da moral burguesa.

A marginalidade, no romance, não é somente social ou econômica; é também existencial e estética. Noll constrói uma narrativa fragmentária, descontínua, marcada por fluxos de consciência e pela ausência de linearidade narrativa, o que espelha o caos interno do personagem e sua posição de desajuste diante da sociedade. Este

estilo narrativo radicaliza a recusa de pertencimento e configura uma crítica à própria forma romanesca tradicional, alinhada a um ideal de coerência e estabilidade que já não encontra respaldo no mundo que o livro representa.

O banquete é servido. A mesa posta. Afrodite deitada sobre um banco do calçadão da Atlântica: as mãos dos bêbados terminam de rasgar o vestido amarelo vivo, avançam e se lambuzam sobre a carne fresca, de uma pequena fresta da ceia vejo a nudez lustrosa de suor, mais não vejo nem nada me perguntam as pessoas que passam pouco preocupadas com o ajuntamento dos bêbados em volta do banco, é Carnaval, imagino as suaves narinas de Afrodite dilatadas, a salvadora dos povos realizando o anseio de todos os seus anos, ouço o arfar o gemido de todos os desejos, os bêbados ensandecem sobre o corpo de Afrodite, ajoelham-se, debruçam-se, pingam pelos poros a insaciedade, alguns choram convulsos, outros gritam aleluias, a bandeira tremula na mão de um deles, os bêbados levantam em cruz o corpo nu de Afrodite, jogam o corpo para o espaço da Atlântica, [...] a Bandeira é rasgada, retalhada, pisoteada, Afrodite corre nua para meus braços, e chora (Noll, 2008, p. 180-181).

A cena é construída a partir de uma linguagem de forte carga imagética, que desloca o leitor para um espaço de suspensão entre o real e o alegórico, explorando uma estética moderna de ruína, excesso e colapso da experiência subjetiva e social. Sob a chave fragmentária, a narrativa rompe com o linear, apresentando uma sequência de imagens que mais sugerem do que explicam. A ausência de contextualização clara, de nomes fixos e de referências estáveis (como tempo e espaço definidos) evidencia a recusa da coerência narrativa tradicional. Há uma justaposição de sensações e percepções corporais: “o arfar o gemido de todos os desejos”, “pingam pelos poros a insaciedade”, que dissolve os limites entre narrador e cena, realidade e delírio, erotismo e violência. Essa fragmentação opera também como crítica à impossibilidade de uma narrativa totalizante, marcando a crise do sujeito moderno e da linguagem, tópicos centrais na estética contemporânea pós-modernista, mas já inscritos na modernidade literária.

Do ponto de vista existencial, o excerto se ancora em uma cena-limite de humanidade: o corpo de Afrodite, aqui resignificado, torna-se sacrificial e símbolo da ânsia irrealizável de comunhão, prazer e transcendência. O nome da deusa do amor e da fertilidade contrasta ironicamente com a brutalidade da cena, ou seja, um estupro coletivo em meio ao delírio carnavalesco, revelando a degradação do mito e a falência dos ideais redentores. O protagonista se posiciona à margem, *voyeur* e cúmplice silencioso, encarnando a impotência do sujeito diante da violência banalizada e do esvaziamento simbólico da coletividade. A imagem final, de Afrodite “correndo nua para meus braços, e chora”, encerra a cena com uma nota de vulnerabilidade e

desamparo, quer dizer, o amor (ou o mito do amor) recorre ao humano, mas encontra apenas o vazio.

Quanto à estética moderna, o trecho recupera procedimentos típicos da modernidade literária, como a intertextualidade mítica (Afrodite), a sobreposição de registros (sagrado e profano, épico e grotesco), e o uso de linguagem lírica contaminada por violência e erotismo. A cidade, neste caso o calçadão da Atlântica, aparece como palco do esfacelamento das utopias, onde o corpo torna-se campo de disputa simbólica e política. O Carnaval, figura ambígua da inversão e do excesso, não é espaço de emancipação, mas de bestialidade e dissolução, evocando o desencanto da modernidade e o fracasso das promessas de progresso e civilização.

Assim, a escrita de Noll, como se vê neste excerto, constrói-se como um campo de força estética e política que conjuga o esfacelamento do sujeito, a fragmentação formal e a denúncia de uma sociedade alienada. A literatura torna-se, portanto, testemunho do colapso, um espaço onde a beleza e o horror coexistem na mesma cena, onde a linguagem resiste para significar o indizível.

Do ponto de vista temático, o romance em apreço é também uma denúncia silenciosa (ainda que potente) das exclusões impostas por uma ordem social que opera pela invisibilização dos corpos não conformes. O corpo do protagonista, lugar de passagem, de experiências sensoriais e afetivas extremas, é simultaneamente objeto de desejo e de rejeição. Marcado pela fome, pela violência, pela prostituição e pelo prazer, esse corpo é campo de resistência. Sua existência é um protesto contra a normatividade, especialmente no que se refere aos gêneros, às sexualidades e às formas aceitáveis de vida. Tal como afirma Judith Butler (1990), a identidade não é um dado natural, mas uma construção social e performativa. O personagem-protagonista de Noll, nesse sentido, encarna a desestabilização das fronteiras entre o público e o privado, o masculino e o feminino, o humano e o abjeto.

Além disso, a literatura de Noll dialoga com o que Roberto Schwarz (1999) chamou de “ideias fora do lugar”, no sentido de que há uma clara tensão entre os discursos modernizantes e liberais da elite e a realidade brutal da exclusão e da desigualdade estrutural brasileira. A cidade, que deveria ser espaço de progresso e convivência, é cenário de abandono, solidão e violência. A miséria e a degradação urbana são mostradas não como acidentes sociais, mas como produto de uma lógica excludente que naturaliza a marginalização de certos corpos e subjetividades.

Por tudo isso, o romance em estudo pode ser lido como uma obra de crítica feroz à ordem social estabelecida. Sua literatura marginal não é apenas aquela que fala de sujeitos à margem, mas também aquela que recusa os pactos formais e ideológicos da tradição literária institucionalizada. Noll subverte as expectativas do leitor e propõe uma experiência estética que desacomoda, desestrutura e convoca à reflexão sobre as violências simbólicas e materiais do mundo contemporâneo. O romance, portanto, não apenas representa a marginalidade – ele a encena, a performa, a estetiza –, tornando-a uma chave de leitura crítica da sociedade brasileira.

A errância do protagonista não é apenas uma questão psicológica, mas também social. Ele habita um Brasil urbano precário, fragmentado, de laços desfeitos, como

descrito por Silviano Santiago (2002) ao falar do “espaço entre-lugares” da literatura brasileira contemporânea. O romance de Noll revela um país marcado pela falência dos projetos de identidade coletiva, herdeiro de uma modernidade incompleta. Esse personagem excluído, “sem lugar”, é o reflexo de uma sociedade marcada pela desigualdade, pela brutalidade e pelo vazio afetivo.

Nesse sentido, a narrativa se insere na tradição do realismo visceral, que possui uma representação crua da precariedade humana, onde o marginal, o desajustado e o errante são protagonistas. A literatura torna-se, então, um gesto ético e político: dar voz a quem não tem voz, narrar o inominável.

As identidades marginais e a politização do desejo em *A Fúria do Corpo*, de João Gilberto Noll emerge como um marco da literatura brasileira contemporânea por sua ousadia formal e temática, especialmente no modo como representa a instabilidade das identidades e a politização do corpo e do desejo. Inserido numa tradição literária que se aproxima da chamada literatura marginal e *queer*, o livro desloca o foco das grandes narrativas nacionais para um sujeito errante, deslocado e sexualmente dissidente, cujas práticas sexuais e afetivas desafiam as normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

A narrativa de Noll se estrutura em torno de um protagonista sem nome fixo, sem identidade estável, cuja experiência urbana é marcada pela deriva, pelo desejo fluido e por encontros fortuitos com homens e mulheres. Essa errância do corpo, atravessada por atos sexuais ora violentos, ora afetivos, revela uma recusa deliberada das categorizações normativas, como a heterossexualidade compulsória ou a construção binária do gênero. As práticas sexuais nesse universo narrativo não se encaixam em uma lógica moralizante, mas expõem a complexidade da vivência corporal como *locus* de poder, vulnerabilidade e resistência.

Nesse sentido, é possível articular a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (1990) à estética de Noll. Butler argumenta que as identidades de gênero e sexualidade não são essencialmente dadas, mas constituídas por atos repetidos, passíveis de ruptura e reconfiguração. Em *A Fúria do Corpo*, o protagonista encarna essa lógica performativa ao experimentar múltiplos papéis e formas de subjetivação. Ele transita entre identidades e corpos sem jamais se fixar, como se recusasse a estabilização identitária exigida pelo regime normativo heterocentrado. O desejo, no romance, é político porque desorganiza a matriz heterossexual que estrutura o espaço social.

A politização das práticas sexuais no romance também se manifesta na forma como a narrativa desafia a dicotomia entre o público e o privado. A sexualidade, geralmente confinada à esfera íntima, torna-se exposição crua e pública na escrita de Noll, o que se relaciona com a proposta de Michel Foucault (1976) em *História da sexualidade*, segundo a qual o sexo é um campo atravessado por discursos de poder. O corpo do protagonista é violentado, usado, amado, desejado e descartado, ele é a superfície onde se inscrevem as tensões sociais e históricas de uma sociedade em crise, atravessada por desigualdades e pelo colapso da moral tradicional.

Cheguei em casa, abri os botões da braguilha santificada, minha mãe chorava a morte do sobrinho no quarto ao lado, meu pau já estava quase duro, empunhei a mão direita, soquei três vezes a pica retesada, o quarto escuro, gemi baixinho, o líquido derramou-se quente pela mão, limpei-o com o lençol, deitei-me, quis chorar, contive-me, o coração amaciando as batidas, o relógio bateu oito horas, o quarto sempre escuro, senti a gata passeando as unhas sobre meu corpo deitado e aconchegar-se entre minha barriga e braço, morna como morna era a hora, posei a mão sobre a barriga grávida da gata, senti a cria arfando lá por dentro, contei sete gatinhos, miou a gata de satisfação, o quarto escuro, cruel ou não cruel meu destino se cumpria, viver era a tarefa, boa ou má, tarefa que eu aceitava enquanto as pálpebras pesavam: a gata dormira e eu com ela (Noll, 2008, p. 122-123).

Noll radicaliza o discurso literário ao inscrever o corpo como o principal lugar da experiência, seja ela sexual, afetiva ou animal. O ato masturbatório, descrito de maneira crua e sem eufemismos, acontece no espaço paradoxal da casa materna, ao lado de uma mulher (da própria mãe) que chora a morte de um parente. A coexistência do prazer solitário com a dor alheia é um dos elementos mais perturbadores do excerto, pois desafia a lógica normativa do comportamento afetivo. Isso faz da cena um lugar de choque entre o desejo e a ordem simbólica da família e da morte, pilares que a literatura convencional frequentemente separa.

A sexualidade, aqui, não está sujeita à repressão moral, mas aparece como um impulso naturalizado, quase instintivo, o que aproxima o narrador-protagonista do plano do animal. Essa dimensão marginaliza a personagem socialmente, mas também o liberta de convenções que o reduziriam a uma identidade fixa. O erotismo é narrado como função vital, e não como desvio: “o líquido derramou-se quente pela mão” sugere mais do que um ato fisiológico, quer dizer, alude ao próprio processo de expulsão da vida, da tensão, do eu.

Formalmente, o texto é construído em parágrafos longos, marcados por frases curtas, justapostas, com um ritmo interno que imita o pensamento em fluxo. Essa técnica aproxima-se da escrita de autores modernistas como James Joyce ou Samuel Beckett, nos quais a linguagem serve à expressão da interioridade em estado bruto.

A tensão entre Eros (vida, sexualidade, procriação) e Thanatos (morte, perda, aniquilação) é central no excerto. A mãe chora no quarto ao lado, enquanto o protagonista ejacula no silêncio. A gata prenhe, que se aninha junto ao corpo do narrador, introduz a imagem da vida em gestação, contraponto à morte do sobrinho. O narrador, ao tocar a barriga da gata, “sente a cria arfando lá por dentro”, como se entrasse em contato com um ciclo vital ao qual, paradoxalmente, também pertence. A morte, o sexo, a procriação e o sono se fundem em um estado quase contemplativo, no qual a frase “viver era a tarefa, boa ou má, tarefa que eu aceitava” funciona como o eixo existencial do texto.

Essa aceitação do destino: “cruel ou não cruel meu destino se cumpria”, remete a uma visão estoica da existência, em que o indivíduo não domina os sentidos últimos da vida, mas os assume, resistindo pela aceitação e pelo corpo. É uma forma de resistência silenciosa, marginal e profundamente corporal.

Outro aspecto significativo é o modo como Noll rompe com a noção de um sujeito humano elevado pela razão ou pela moral. O narrador partilha o quarto escuro com uma gata grávida, a quem acaricia e com quem adormece. Essa relação interespecie não é de domesticação, mas de comunhão. O corpo do narrador, marcado pelo gozo e pela exaustão, encontra repouso no calor da gata. A imagem dos “sete gatinhos” que ele sente pela barriga da gata sugere um gesto de ternura inesperada, contrastando com o início crasso da cena.

Essa animalidade não representa degradação, mas ruptura com a idealização do humano. Como propõe Giorgio Agamben (2002) ao refletir sobre o que resta do humano, o corpo em sua condição liminar, ou seja, entre o biológico e o político, porque desafia os limites do que chamamos “humanidade”. O corpo do protagonista é, assim, um corpo em crise, mas também em potência: vive, goza, sente, chora e dorme.

O corpo aparece como lugar central da experiência, e o texto se afirma como discurso de resistência contra normas de comportamento, sexualidade e família. A escrita é fragmentária, íntima, física, imersa no tempo da carne e da matéria viva. O sujeito não busca redenção, busca apenas viver. E isso já é, por si só, uma forma de insurgência.

Ao adotar uma linguagem fragmentada, subjetiva e instável, Noll também questiona as formas tradicionais de representação literária, forjando uma poética da desintegração que coincide com a fluidez das identidades que descreve. Essa estética da ruína não é apenas forma, mas conteúdo: ela traduz a experiência de quem vive à margem, sem nome, sem abrigo, sem pátria. Trata-se de uma escrita do desvio, na qual os corpos dissidentes ganham voz e presença.

Por fim, *A Fúria do Corpo* articula, de forma radical, os sentidos políticos da sexualidade e da identidade na contemporaneidade. Ao narrar o corpo em sua instabilidade e potência, Noll faz da literatura um espaço de denúncia e de criação – um campo onde os silenciados podem finalmente dizer sua fúria e seu desejo.

Considerações finais

A Fúria do Corpo é mais do que um romance de marginalidade: é um mergulho radical no abismo das subjetividades líquidas, nos corpos feridos pelo desejo e nas interações sociais atravessadas pela exclusão. A sexualidade, ao invés de redimir, expõe as fraturas do sujeito e da sociedade. A escrita de Noll se afirma, assim, como forma de resistência estética e existencial, que desloca, desconstrói e interroga os limites da experiência humana e da literatura.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Trad. Pedro Mendes. São Paulo: Boitempo, 2002.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. Trad. Carlos Moisés e Ana Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERSANI, Leo. Is the Rectum a Grave? In: BERSANI, Leo. **AIDS: Cultural Analysis, Cultural Activism**. Washington: Bay Press, 1987.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1991.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário e a afirmação do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. **A Fúria do Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 1999.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

Recebido em 19/07/2025.

Aceito em 26/11/2025.